

# A *LIAISON* EM LÍNGUA FRANCESA: FALANTES DE FLE VS FALANTES NATIVOS DE FRANCÊS

## *LIAISON IN FRENCH: FRENCH FOREIGN LANGUAGE SPEAKERS VS FRENCH NATIVE SPEAKERS*

Vanessa Gonzaga Nunes  
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística - UFSC

### **Resumo**

O objetivo do presente estudo é observar o fenômeno fonológico do francês, chamado *liaison*. Para isso, gravaram-se dados de fala de dois nativos do francês e de quatro aprendizes de francês língua estrangeira (FLE), nativos do português brasileiro. Os dados de nativos e aprendizes foram analisados acusticamente, observando-se as fronteiras de palavras, ou seja, as regiões que pudessem revelar a ocorrência de *liaisons* obrigatórias, facultativas e proibidas. Essas análises se propõem a responder: (a) locutores nativos do francês considerado *standard* e aprendizes do FLE realizam todas as *liaisons* obrigatórias? (b) como esses locutores realizam as *liaisons* facultativas? (c) em relação aos contextos em que há proibição de realização de *liaisons*, como os nativos e os aprendizes se comportam? (d) existem outros contextos, não considerados pelas regras gramaticais da língua francesa em que esses falantes nativos e aprendizes realizam *liaisons*? Em caso afirmativo, essas “falsas *liaisons*” provocam fenômenos fonéticos/fonológicos, como apagamentos ou ressilabação?

**Palavras-chave:** *Liaison*, língua francesa, aprendizes de FLE.

### **Abstract**

The aim of this work was to study *liaison*, a phonological phenomenon of French. Two reports were recorded by four native French journalists and by four students of French Foreign Language (FLE), Brazilian Portuguese native speakers. Native and learners readings were analyzed in order to observe word boundaries which could reveal mandatory, optional and prohibited *liaisons*. These analyzes aimed to answer the following questions: (a) Do native speakers of *standard* French and FLE learners perform all mandatory *liaisons*? (b) How are optional *liaisons* carried out? (c) Regarding to prohibited *liaisons* contexts, how do natives and learners behave? (d) Are there contexts not considered by French grammar rules in which native and learners speakers carry out *liaisons*? If affirmative, do these “false *liaison*” cause phonetic/phonological phenomenon, such as deletion or resyllabification?

**Keywords:** *Liaison*, French, FLE learners.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a examinar a *liaison*<sup>1</sup> na língua francesa, um fenômeno fonético cuja realização ou não pode trazer implicações no nível da compreensão. A gramática da língua francesa estabelece contextos em que a *liaison* é obrigatória, outros nos quais ela é facultativa e ainda aqueles em que tal fenômeno é proibido. A experiência de sala de aula tem nos mostrado que, em um primeiro momento, alunos iniciantes ignoram totalmente a possibilidade de produzir *liaison* e, em um segundo momento, juntam indiscriminadamente todas as consoantes latentes às vogais subsequentes. Para os níveis mais avançados, a exigência pela “boa” pronúncia cresce assim como cresce a cobrança pela realização das *liaisons* obrigatórias, o incentivo pela produção das facultativas e a inquietação diante das proibidas. Dessa experiência, surgiu o interesse em verificar como os aprendizes de francês realizam tal fenômeno e em que momento se apropriam de maneira significativa das regras.

A pronúncia dos aprendizes está, todo tempo, sendo comparada à produção dos nativos, mesmo que não tenhamos muita clareza de como os nativos realizam efetivamente determinado fenômeno. Parece, então, fundamental verificar como a *liaison* é realizada por aprendizes de francês língua estrangeira (doravante FLE), mas também analisar mais detidamente a produção de locutores nativos de francês, para que possamos observar quais as semelhanças e distinções entre essas produções.

Logo, este artigo se propõe a responder as seguintes questões:

- (a) locutores nativos do francês considerado *standard* e aprendizes do FLE realizam todas as *liaisons* obrigatórias?
- (b) como esses locutores realizam as *liaisons* facultativas ?
- (c) em relação aos contextos em que há proibição de realização de *liaisons*, como os nativos e os aprendizes se comportam?
- (d) Existem outros contextos, não considerados pelas regras gramaticais da língua francesa em que esses falantes nativos e aprendizes realizam *liaisons*? Em caso afirmativo, essas “falsas *liaisons*” provocam fenômenos fonéticos/fonológicos, como apagamentos ou ressilabação?

Inicia-se esta discussão com a apresentação, na Seção 2, do tema, a partir de um breve histórico do uso da *liaison*; seguido de um levantamento dos tipos considerados pela Gramática Normativa; sua problemática para aprendizes de FLE e as regras que nortearão as análises dos dados - observando classificações existentes. Na Seção 3, apresentam-se a metodologia de análise dos dados e os *corpora* investigados. Na Seção 4, apresentam-se as análises e discussões dos dados que dizem respeito tanto a aprendizes do FLE quanto aos nativos do francês. E, finalmente, na Seção 5, serão apresentadas as respostas às questões aqui levantadas.

---

<sup>1</sup> Será utilizado o termo em francês por estar se tratando do fenômeno nessa língua.

## 2 A LIAISON

O que é a *liaison* na língua francesa? A *liaison*, foco deste estudo, é um tipo de sandhi externo, um fenômeno da língua francesa que acontece em fronteira de palavras e acaba modificando a pronúncia de um enunciado e influenciando a estrutura da cadeia da fala.

A *liaison*, segundo Dugua & Chabanal (2006), é um fenômeno de alternância fonológica que se atualiza entre duas palavras (palavra 1 e palavra 2) pelo aparecimento de uma consoante de ligação, cuja natureza é determinada pelo tipo de palavra 1.

Portanto a *liaison* tem sua origem no enfraquecimento progressivo das consoantes finais desde o francês antigo, diante de vogal e se aplicando irregularmente segundo o contexto léxico-sintático e sociolinguístico (THOMAS, 1998).

Um estudo de Boë et Tubach (1992 *apud* CHEVROT *et al.*, 2005) sobre 20 horas de fala adulta mostra que /n/, /z/ e /t/ representam 99,7% das *liaisons* realizadas, as demais ocorrências estão distribuídas entre /p/, /r/ e /d/. Essas *liaisons* são, na maior parte do tempo, classificadas como: (i) *liaison* obrigatória; (ii) *liaison* facultativa, ou seja, possíveis, mas não sistematicamente realizadas; (iii) *liaison* proibida.

A *liaison* entre o fonema latente em posição final e uma vogal em posição inicial provoca a ressilabação, isto é, a consoante final de uma palavra – que não era pronunciada quando a palavra se apresentava de maneira individual - aparece e se junta à vogal inicial da palavra seguinte criando uma nova sílaba. Essa nova organização silábica representa um fenômeno gramatical que leva em consideração as dimensões fonológicas, morfológicas, sintáticas ou semântico-enunciativas da língua francesa.

*Grosso modo*, pode-se dizer que, quando uma palavra termina por uma consoante escrita, mas não pronunciada, essa pode ligar-se a uma vogal que inicia a palavra seguinte, formando então uma sílaba. A esse fenômeno chamamos *liaison* e pode-se dizer que o aparecimento de consoantes latentes sugere uma forma de regularização morfológica.

### 2.1 A *liaison*, sua história e seu uso

Há mais de 40 anos, a *liaison* é considerada um dos fenômenos vedetes da fonologia do francês (TRANEL, 2000 *apud* CHEVROT *et al.*, 2005). Segundo Thomas (1998), a *liaison* é um fenômeno que toca os aprendizes do FLE, e que os erros cometidos por realizações inadequadas impõem graves problemas a esses aprendizes. O autor afirma que tal fenômeno é aprendido por osmose, o que é relativamente fácil no meio francófono, mas problemático no contexto das nossas universidades, onde a falta de ambientes em que se possa falar somente em francês nos obriga a procurar ensinar tendências ou regras.

Para entender melhor o uso da *liaison* nos dias atuais, é preciso olhar através dos séculos os rastros desse fenômeno na língua francesa. Nos séculos XI e XII, nasce uma grafia simplificada e pode-se dizer que, em um período do antigo francês, quase todas

as consoantes escritas eram pronunciadas. (PLOUZEAU<sup>2</sup>). A partir do século XII, as consoantes finais passam a não ser mais pronunciadas, mas a realização de uma consoante de ligação entre duas palavras marca os resquícios de um francês antigo, evitando assim o agrupamento de duas vogais (mes ['me] – amis ['ami] → [me. 'za. mi]) e marcando uma relação sintática muito estreita entre essas duas palavras de contato.

Vamos encontrar ainda em um canto e outro da literatura uma pincelada que pode explicar realizações particulares. Nos manuscritos medievais, por exemplo, encontramos pistas que podem desvendar os motivos de termos *liaisons* que deveriam se realizar a partir de uma consoante latente [d], mas que se efetiva com a realização de um [t], como em *quand elle*. Esses manuscritos apresentam o vocábulo *grand*, escrito *grant*, nome que servia na época para qualificar tanto o gênero masculino quanto o feminino. Já que a grafia dessa época correspondia, em geral, à sua pronúncia, nesse caso, portanto, a palavra *grant* contemplava um [t] audível.

Observando a língua francesa falada na atualidade, ou seja, no início do século XXI, é incontestável a verificação de que a língua sempre se moveu e continua a se mover. Os gramáticos, desde sempre, tentam registrá-la, classificá-la, descrever as regras de funcionamento e tentam também estabelecer um modelo *standard*, uma referência do seu “bom uso”.

A *liaison* não está fora desse desenho do que se considera como modelo de língua falada. Pierret (1994) abre seu capítulo sobre a *liaison*<sup>3</sup> dizendo que é preciso lembrar que a *liaison* é sobretudo uma questão de “nível de língua”: a língua corrente faz menos *liaison* que a língua *soignée*<sup>4</sup> e bem menos ainda que a língua poética que representa um uso arcaico. Vejamos alguns exemplos citados por Pierret (1994) que ilustram a noção do nível da língua ou registro, conforme sugere o autor:

- (1) *des[z]\_hommes[ø]/[illustres[ø]/ont[ø]/attendu* (familiar: somente a *liaison* obrigatória composta de artigo + substantivo é realizada)
- (2) *des[z]\_hommes[ø]/illustres[ø]/ont\_attendu* (língua corrente, mais formal: a *liaison* é realizada entre o artigo e o substantivo e entre o verbo auxiliar e o principal)
- (3) *des[z]\_hommes[z]\_illustres/ont\_attendu* (língua muito formal, por exemplo em uma conferência: agora tem-se a *liaison* realizada entre o artigo e o substantivo; o substantivo e o adjetivo e entre o verbo auxiliar e o principal)
- (4) *des\_hommes\_illustres\_ont\_attendu* (recitando versos clássicos: nesse caso, em todos os contextos em que a palavra anterior finaliza por consoante e a seguinte inicia por vogal foram realizados com *liaison* (pronúncia arcaica))

---

<sup>2</sup> May Plouzeau, é professor da Universidade de Provence e participa do *Laboratoire de Français Ancien*. O laboratório virtual pode ser acessado em <http://www.uottawa.ca/academic/arts/lfa/>. Último acesso em 17 de outubro de 2009.

<sup>3</sup> Pierret, J. M. *Phonétique historique du français et notions de phonétique générale*, 1994.

<sup>4</sup> Língua formal é uma possível tradução para *langue soignée*.

Outros autores, no entanto, irão atribuir e justificar o uso da *liaison* por outros vieses. Thomas (1998), por exemplo, observa que a produção depende do contexto fonético e gramatical, da frequência do emprego, do nível da língua, da produção inicial, da situação e mesmo do indivíduo (quadro social e preferência individual). Ele adverte que a evolução da pronúncia do francês desde suas origens latinas se caracteriza primeiramente pela erosão gradual que se efetua inegavelmente sobre os diferentes pontos do sistema, notadamente, sobre as consoantes finais que apresentam um enfraquecimento. O autor apresenta as possibilidades de produção: (1) manutenção da consoante (*une vi[s]*), (2) alteração parcial (*neu[f]* / *neu[v] ans*), (3) alteração e queda parcial (*plu[s]*, *plu[z] aride*, *plu[ø] fort*), (4) queda parcial (*le[z] amis* / *le[ø] chiens*), et (5) queda total (*chat*, *cha [ø]*).

Mas até que ponto essa evolução influencia no processo de ensino aprendizagem do francês? Estamos falando de consoantes que ora aparecem, ora não aparecem, ora transformam pronúncias que muitas vezes não são descritas por nenhuma regra. Estudos indicam que os aprendizes do francês podem ter dificuldades com as diferenças entre a grafia e a pronúncia. Yersin-Besson et Grosjean (1996 *apud* STRIDEFELT, 2005) estudaram a influencia da *liaison* sobre o reconhecimento das palavras. Um teste de detecção de palavras realizado com nativos mostrou que a *liaison* retarda o reconhecimento das palavras.

Vários autores escreveram sobre esse fenômeno fonético, no intuito de descrevê-lo ou de analisá-lo, segundo as possibilidades de realização. Observa-se que os autores, principalmente os mais recentes<sup>5</sup>, avançam seus estudos no intuito de mostrar que a heterogeneidade e a diversidade são os fatores que mais condicionam a realização efetiva das *liaisons*.

## 2.2 A *liaison* entre nativos e estrangeiros

Segundo Wioland e Pagel (1991), a *liaison* tem historicamente sua origem na estrutura da sílaba. Carton (1974 *apud* ROSSI 1998) afirma que a *liaison* é um caso particular de *enchaînement*<sup>6</sup>. Os mecanismos que organizam a estrutura da sílaba são complexos, e a reestruturação de acordo com Chevrot *et al.* (2007) não é inata, mas uma questão de exposição ao uso da língua.

Estudos afirmam que crianças nativas do francês, em período de aquisição da língua materna, têm dificuldade de dominar o processo de ressilabação que dá origem à *liaison* uma vez que nesta fase, elas não são capazes de administrar o processo de segmentação e formação de sintagmas. Chevrot *et al.* (2007), examinando a aquisição das *liaisons* pelas crianças nativas do francês, verificaram que elas utilizam suas próprias estratégias de segmentação do oral (faz-se importante lembrar aqui que, na fase de aquisição da língua, as crianças não são influenciadas pela escrita). Sintagmas do tipo *l'ours*, são

<sup>5</sup> Laks (2003, 2005), Pagliano e Laks (2005), dentre outros.

<sup>6</sup> Traduzida aqui como encadeamento: uma consoante de encadeamento é sempre pronunciada no final de uma palavra, mesmo se ela é isolada. Se a palavra começa por vogal pronunciada, a consoante final da palavra precedente se torna a consoante inicial da palavra que segue. A consoante de encadeamento não muda nunca a sua natureza fonética.

frequentemente pronunciados por crianças como [l'nuRs], ou ainda *deux ours* poderá ser facilmente entendido por [dø'nuRs] ou [dø'uRs]. Mas de onde viriam essas inserções? O que acontece é que a criança está diariamente exposta a sintagmas do tipo: *un ours*, em que se faz a *liaison* em [n]. Notamos então que esse [n] que faz *liaison* na linguagem infantil é herança de uma referência muito presente como modelo.

Assim as crianças com idades entre 2 e 6 anos produzem ao longo de uma seção de gravação a palavra 2 nas formas [lurs], [nurs], [zurs], [turs], [urs] depois do adjetivo *petit* (por influência das referências *l'ours*; *un ours*; *deux ours*; *petit ours* e *ours*). A criança poderia dispor às vezes de cinco alomorfes no seu léxico interno, mas não chegaria a ligar imediatamente com a palavra 1, o que explicaria as ativações (CHABANAL, 2003). Para as crianças nativas, a evolução concernente às *liaisons* facultativas e obrigatórias acontece de maneira distinta. Certos estudos mostram que crianças com idade entre 10 e 11 anos realizam 12% das *liaisons* facultativas, enquanto os adultos “cultos” atingem 79% das realizações em situação formal (AHMAD, 1993 *apud* CHEVROT *et al.* 2007).

Já o adulto apresenta domínio no processo de montagem das peças. O adulto realiza o fonema [z] entre “*les*” e “*avocats*”, ocasionando naturalmente a ressilabação: [IE 'za vo kA], o que não acontecerá com “*les sacs*”, pois o [s] não terá assimilação de vozeamento e a produção se dará no nível fonológico como [IE'sak], por exemplo.

Pagliano e Laks (2005) afirmam que o sexo do locutor não influencia na realização de *liaisons*, mas a idade pode sim ser um fator importante. Esses autores concluíram que a *liaison* realizada por nativos parece apresentar tendência em aumentar com a idade, mas afirmam também que é preciso ter cuidado com essa informação. Na verdade, com a idade, a inserção social e profissional evolui e o rendimento também se eleva. As trajetórias sociais são índices de modificação de posicionamento no espaço social sincrônico. Então, não se trata mais de variação diacrônica de uma geração à outra, mas de uma variação puramente social.

Estudos realizados<sup>7</sup> com estrangeiros, mesmo com aprendizes em nível avançado, demonstram que os percentuais de realização de *liaison* facultativa são relativamente inferiores àqueles dos locutores nativos. Esses últimos sobre empregam as variantes formais, mesmo em situações nas quais as variantes informais seriam socialmente mais apropriadas. Howard (2005) acrescenta ainda que suas pesquisas junto a aprendizes de FLE revelam taxas de emprego de *liaison* muito pouco elevadas entre um adjetivo e um substantivo, e após um pronome objeto; e que um dos seus grupos de aprendizes pesquisados simplesmente ignorou o emprego das *liaisons* facultativas em um grande número de contextos sintáticos.

Laks (2005) mostra que a *liaison* pode ser possível no interior de uma palavra fonológica e proibida entre duas palavras fonológicas, ou seja, pode-se ter, em um mesmo contexto segmental, uma *liaison* que pode ser obrigatória, possível ou proibida. A literatura não se ocupa muito de analisar profundamente a *liaison* proibida no falar dos nativos, talvez porque julgue que esse tipo de *liaison* não imponha problemas

---

<sup>7</sup> Por exemplo, Howard (2005) e Mougeon, Nadasdi e Rehner (2003)

relevantes aos nativos. Entretanto, os aprendizes apresentam uma preocupação em fazer uso das regras e possivelmente, no anseio da realização, findam por errar, como por hipercorreção.

Para as análises que serão realizadas por este estudo, levaremos em conta a classificação dos tipos de *liaison* apresentadas em Dellatre (1951 *apud* PAGLIANO e LAKS, 2005), Léon (1966) e Malmberg (1976) (*apud* ROSSI, 1998), que atualmente ainda é incorporada pelas Gramáticas Normativas do francês *standart*. Para esses autores, as *liaisons* podem ser classificadas conforme exposto nos Quadros 1 e 2.

**QUADRO 1.** Contextos de *liaison* obrigatória e facultativa apresentados em Delattre (1951 *apud* PAGLIANO e LAKS, 2005)

<i>Liaison</i> Obrigatória		<i>Liaison</i> facultativa	
artigo+	<i>les_enfants, aux_amis</i>	nome plural +	<i>plats_exquis</i>
adjetivo +	<i>ces_amis, deux_amis</i>	pronome num. pessoal +	<i>Plusieurs_écoutent</i>
pronome pessoal +	<i>vous_y_êtes, nous_en</i>	pronome pessoal posterior +	<i>Amusons-nous_un_peu</i>
verbo+ pronome pessoal	<i>Allez_y, vient_elle</i>	verbo +	<i>suis_emberbe</i>
verbo (impessoal) +	<i>c'est_évident</i>	preposição +	<i>depuis_un_an</i>
preposição +	<i>Dans_un_an, en_hiver</i>	advérbio polissilábico	<i>jamais_à_l'heure</i>
advérbio monossilábico+	<i>très_utile</i>	conjunção monossilábica	<i>mais_alors</i>
		X + invariável	<i>maison_et, bons_ou</i>

**QUADRO 2.** Contextos de *liaison* proibida apresentados em Léon (1966 *apud* ROSSI, 1998) e Malmberg (1976 *apud* ROSSI, 1998)

<i>Liaison</i> Proibida	
não há “liaison” entre dois grupos rítmicos	<i>Alors/ il arrive</i>
depois dos pronomes “ils” e “elles” em interrogações com inversão	<i>Vont-ils/arriver ?</i>
depois da conjunção “et”	<i>Il va et/ il vient, Jean et/ Marie</i>
verbo + verbo no infinitivo	<i>Il doit être</i>
substantivo + substantivo	<i>Albert /Amiel, mon cousin/Adolphe</i>
entre um substantivo (ou adjetivo) e uma preposição	<i>Un moulin/à vent, des sacs à vendre</i>
entre um substantivo e um adjetivo no singular <sup>8</sup>	<i>Un enfant/adorable</i>
entre dois adjetivos (ou participíios) <sup>9</sup>	<i>Des vins rouges/italiens</i>
pronomes relativos +	<i>Les livres auxquels/il pense</i>
<sup>10</sup> negação com rien +	<i>Il n’y a rien/ici</i>
<sup>11</sup> negação com nom+	<i>Un livre non/achevé</i>
com palavras que podem ser isoladas	<i>Il dit/oui, mais/oui</i>
com certos números <sup>12</sup>	<i>les /huit jours ; les/huitièmes de finale</i>
para distinguir do plural	<i>Enfant/adorable – enfants_adorables</i>
para distinguir um substantivo de um adjetivo	<i>savant/aveugle (subst + adj) savant_aveugle (adj+subst)</i>
expressões fechadas	<i>/z/ - nez/ à nez /t/ - de part/ en part /n/ - bon/ à rien</i>
Diante do <i>h</i> aspirado	<i>les/ héros</i>

<sup>8</sup> no plural, a *liaison* pode ser facultativa: *des enfants\_adorables*

<sup>9</sup> mas: há *liaison* em *un portail grand\_ouvert*

<sup>10</sup> mas: há *liaison* em *rien\_à faire* ou *rien\_à voir*

<sup>11</sup> mas: há *liaison* em *non activité*

<sup>12</sup> mas: há *liaison* em *dix-huit, vingt-huit*. Pode-se dizer : *les/onze* ou *il est\_onze heure*

A partir dos dados até aqui apresentados, passamos à metodologia de coleta dos dados e a sua respectiva análise.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Os *corpora* e os participantes

Para que se pudesse avaliar o comportamento das *liaisons* na língua francesa, foram gravadas duas reportagens jornalísticas, produzidas por falantes nativos. Escolheu-se esse tipo de produção, uma vez que as matérias jornalísticas são consideradas uma referência do francês *standard*.

1. A reportagem *Le séquençage du génome du panda* foi divulgada no mês de fevereiro de 2009 no site <http://www.cite-sciences.fr> e no mês de abril no site <http://www.tv5.org>. Essa reportagem contou com a participação de 4 falantes nativos do francês do sexo masculino. Analisaram-se ao todo 57 contextos passíveis de apresentarem qualquer tipo *liaison*.
2. A reportagem *Partenaire de l'année de la France au Brésil du 21 avril au 15 novembre 2009* foi divulgada no mês de abril de 2009 no site <http://www.tv5.org>. Essa reportagem contou com a participação de 3 falantes nativos do francês, do sexo masculino. Analisaram-se 23 contextos passíveis de apresentarem qualquer tipo de *liaison*.

Essas reportagens jornalísticas foram transcritas ortograficamente e foram lidas em voz alta por um grupo de 4 falantes brasileiros, do sexo masculino, com idade entre 20 e 40 anos, cuja língua materna é o português do Brasil. Esses falantes brasileiros são aprendizes de FLE na Universidade Federal da Santa Catarina. Dois aprendizes são considerados de nível intermediário, ou seja, 3º e 4º semestres; um de nível avançado, isto é, 5º semestre; e um de nível debutante, ou seja, do 2º semestre. Eles são identificados pelos códigos: **A** para o aprendiz de nível debutante, **B** e **C** para os aprendizes de nível intermediário e **D** para o aprendiz de 5º semestre.

Foram encontrados 83 contextos passíveis de *liaisons* nas reportagens gravadas e lidas. A partir dessas gravações, analisaram-se as produções de nativos do francês e de aprendizes do FLE, selecionaram-se e etiquetaram-se todas as fronteiras interpalavras passíveis de *liaison* a partir de uma classificação prévia das palavras envolvidas.

Os *corpora* foram analisados acusticamente e a gravação e a etiquetagem foram efetuadas com o auxílio do *software* PRAAT<sup>13</sup>. A frequência de amostragem selecionada foi de 22 kHz, suficiente para as análises aqui efetuadas. Após ter verificado os dados dos nativos e dos aprendizes de FLE, compararam-se as produções. Os resultados dessas análises são apresentados a seguir.

<sup>13</sup> Praat é um programa de análise de fala, versão 5.1.02, disponível livremente a partir do site [www.praat.org](http://www.praat.org); desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink; copyright © 1992-2006.

## 4 AS ANÁLISES

Com o objetivo de contribuir com esses estudos, espera-se explorar os *corpora*, analisando e comparando os dados aqui apresentados. Os dois documentos pesquisados totalizam 83 contextos que podem permitir a *liaison*; desses 69,88% dos contextos são convenientes a *liaisons* obrigatórias, 19,28% a *liaisons* facultativas e 10,84%, a proibidas. Esses dados são os mesmos para os aprendizes de FLE.

### 4.1 Locutores Nativos

Melhor detalhando os dados relacionados aos falantes nativos do francês, observamos que o *corpus* 1, correspondente à reportagem *Le séquençage du génome du panda*, apresentou :

- (i) 41 contextos de *liaison* obrigatória;
- (ii) 11 contextos de *liaison* facultativa;
- (iii) 08 contextos de *liaison* proibida.

Esses falantes nativos realizaram 37 *liaisons* obrigatórias, 7 *liaisons* facultativas e nenhuma *liaison* considerada proibida. Ou seja, eles realizaram 90% das *liaisons* obrigatórias; 63,6% das *liaisons* facultativas e não realizaram as proibidas.

Já para o *corpus* 2, correspondente à reportagem *Partenaire de l'année de la France au Brésil du 21 avril au 15 novembre 2009*, temos :

- (i) 17 contextos de *liaison* obrigatória;
- (ii) 05 contextos de *liaison* facultativa;
- (iii) 01 contextos de *liaison* proibida.

Nesse caso, os falantes nativos realizaram 15 *liaisons* obrigatórias, 03 *liaisons* facultativas e 01 *liaison* considerada proibida, o que representa a realização de 88,2% das *liaisons* obrigatórias, 60% das *liaisons* facultativas e 100% das *liaisons* proibidas.

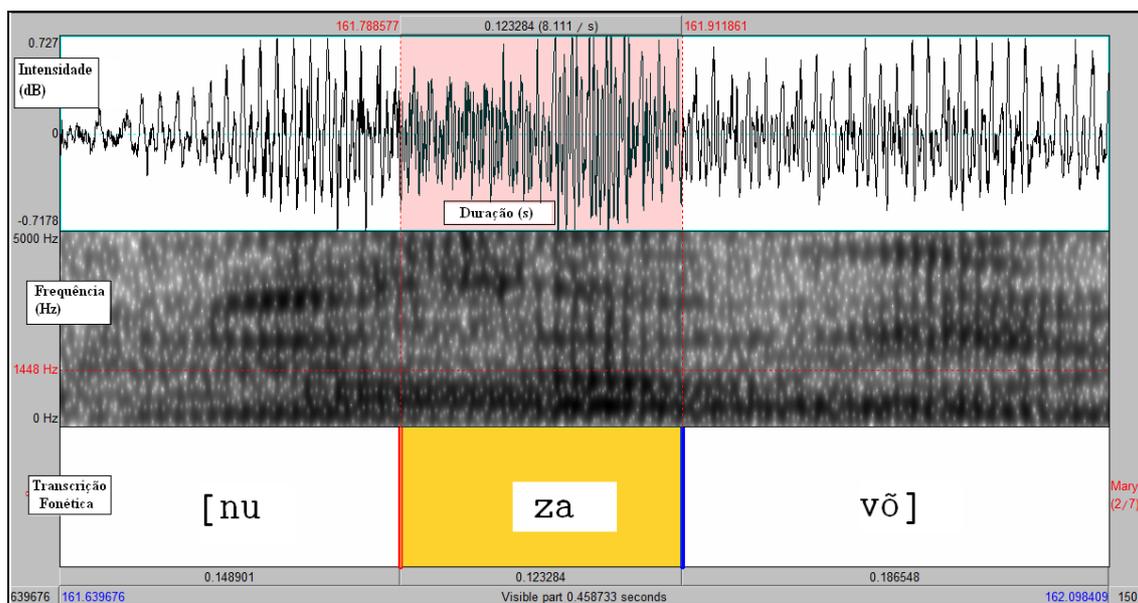
Considerando todos os casos de *liaison*, temos, na Tabela 1, um panorama dos resultados obtidos pelos nativos do francês. Por essa tabela, podemos dizer que, conforme esperado, na fala mais cuidada (*standart*), há prevalência do uso das *liaisons* obrigatórias (89,6%), as facultativas são preferencialmente realizadas (66,5%) e as proibidas evitadas (89%).

**TABELA 1.** *Liaisons* realizadas por locutores nativos do francês

	<i>Liaisons</i> Obrigatórias		<i>Liaisons</i> Facultativas		<i>Liaisons</i> Proibidas	
Contexto	58		16		09	
Realização	52	89,6%	10	66,5%	01	11%
Não-realizadas	06	10,4%	06	33,5%	08	89%

Para ilustrar as análises realizadas, apresentamos alguns exemplos das análises acústicas realizadas nas quais verificamos contextos em que os locutores realizaram as *liaisons* e outros em que elas não foram realizadas.

Por exemplo, a Figura 1 mostra a realização de uma *liaison* obrigatória. No trecho *nous avons*, produzido pelo falante nativo, observamos que a *liaison* suscitou um processo de ressilabação. Assim o falante produziu uma nova sílaba [za] com 123ms.



**FIGURA 1.** Forma de onda, espectrograma e camada de etiquetagem, na qual se vê a segmentação de *nous avons*.

Os dados analisados revelam ainda que mesmo os falantes nativos, em situação formal, ou seja, empregando o francês *standard*, podem não realizar todas as *liaisons* consideradas obrigatórias conforme a Gramática Normativa. Segundo a classificação de Delattre (1951 *apud* PAGLIANO e LAKS, 2005), aqui adotada como base para as análises: o verbo *être*, e suas flexões (*est*), quando impessoal e ocupando a posição de palavra 1, exige que se lance a *liaison*, como em *c'est un*, que deve sempre ser pronunciado [se. tã]. No entanto, observa-se, pela Figura 2, que o falante não realiza a *liaison* quando pronuncia a sentença *c'est évidemment*. A transcrição fonética [ˈse. e. vi. da. ˈmõ] é exibida no espectrograma, no qual se pode ver a junção de dois [e], no lugar de uma *liaison*.

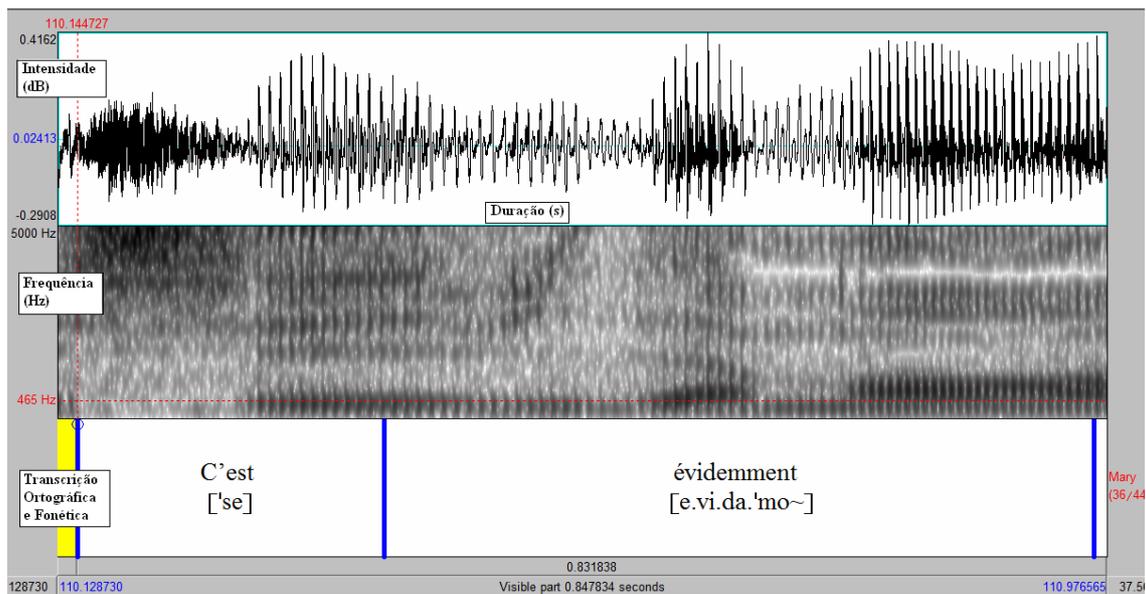


FIGURA 2. Forma de onda, espectrograma e camada de etiquetagem de *c'est évidemment*, pronunciado [sɛ. e. vi. da. 'mõ]

As *liaisons* facultativas podem ou não ser realizadas. Analisando os contextos favorecedores de *liaisons* facultativas, observamos as duas possibilidades. Na Figura 3, pode ser observada a realização de uma *liaison* facultativa. A opção de realizá-la desencadeou o processo de ressilabação, ou seja, uma nova sílaba [ta] com 109ms.

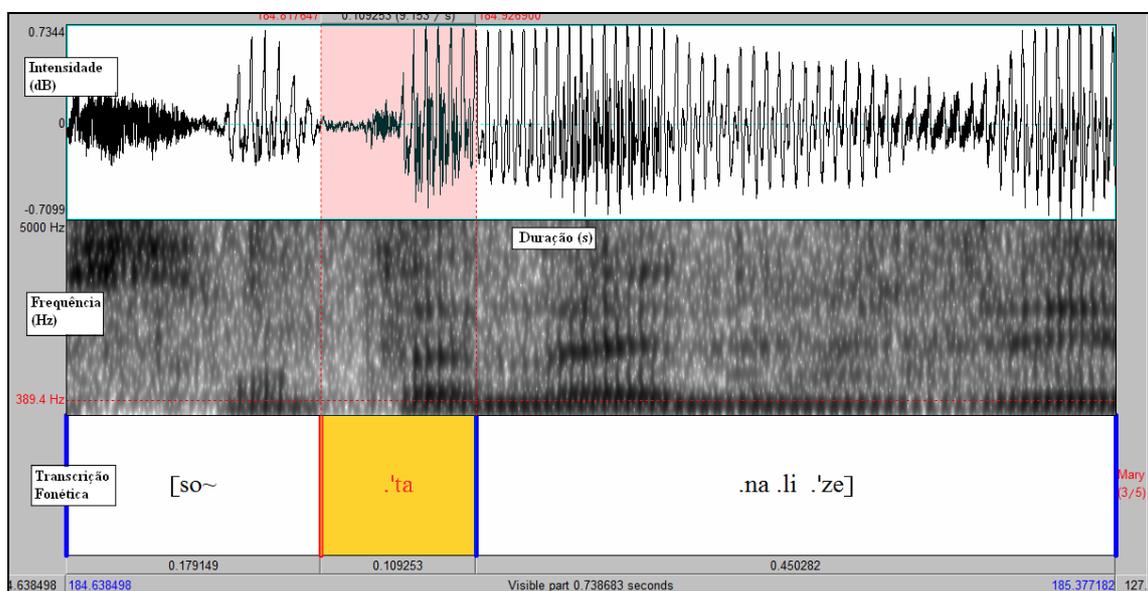


FIGURA 3. Forma de onda, espectrograma e camada de etiquetagem de *sont analysés*.

Agora, na Figura 4, tem-se um outro caso de *liaison* facultativa realizada. Essa realização deveria fazer surgir uma consoante latente [z], uma vez que corresponde ao trecho *spectateurs attendus*. No entanto, o falante nativo, nesse caso, fez uma *liaison* fazendo surgir o segmento fonético [R] que ocupa a coda da última sílaba pronunciada da palavra 1. A transcrição fonética do sintagma *spectateurs attendus* foi registrada como [s'pek . ta . 'tœR. a. 'tõ . dy], demonstrando que o locutor

apenas encadeou a pronúncia da palavra 1 + palavra 2, ignorando o [s] latente da palavra 1, a marca de plural.

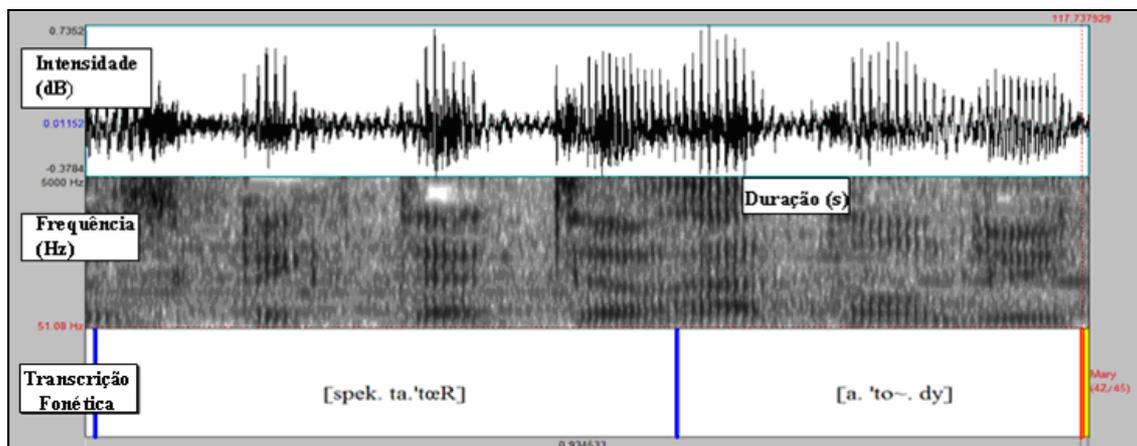


FIGURA 4. Forma de onda, espectrograma e camada de etiquetagem de *spectateurs attentus*. O falante nativo não realizou a *liaison* em [z], mas em [R].

Com relação às *liaisons* proibidas, segundo a classificação adotada, o contexto “verbo + verbo no infinitivo” é considerado um caso de *liaison* proibida (ver Quadro 2). Observando a realização apresentada na Figura 5, nota-se que o falante produz o trecho da sentença *peuvent être*, sem fazer *liaison*, o que seria a pronúncia esperada. A transcrição fonética do sintagma produzido pelo falante nativo é [pø v. 'etR].

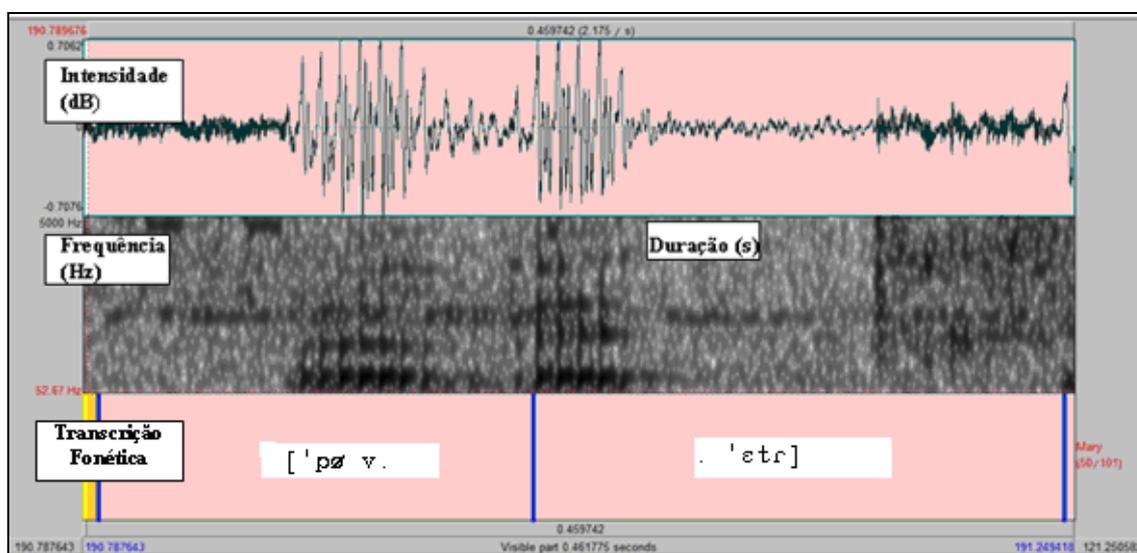


FIGURA 5. Forma de onda, espectrograma e camada de etiquetagem de *peuvent être*.

Porém, na Figura 6, que corresponde à produção do trecho *doit être*, observa-se que o falante realizou a *liaison* considerada proibida (verbo + verbo no infinitivo) e por consequência houve um processo de ressilabação [dwa. 'tœR]. Mesmo que essa realização não nos pareça estranha, ou seja, não cause estranhamento aos ouvidos habituados ao francês, não se pode deixar de considerar que se trata de uma realização proibida, segundo a classificação exposta no Quadro 2. A nova sílaba ['tœR], fruto dessa *liaison*, tem 265ms.

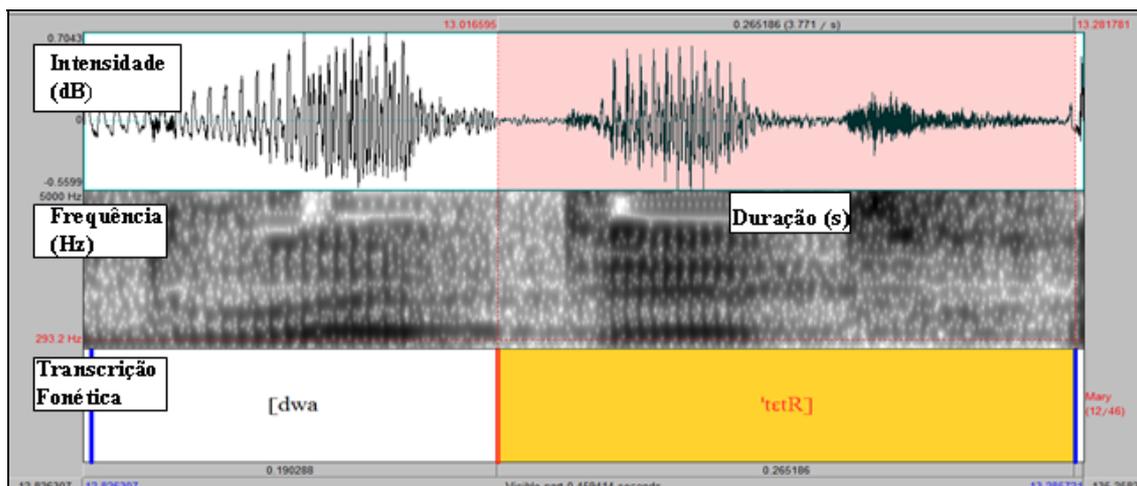


FIGURA 6. Forma de onda, espectrograma e camada de etiquetagem de *doit être*.

## 4.2 Aprendizes de FLE

Agora, vamos olhar os dados relativos aos aprendizes de FLE, analisando em separado os falantes do nível debutante (A), intermediários (B, C) e avançado (D). Esses resultados estão dispostos na Tabela 2 e aqueles referentes aos tipos de *liaisons* na Tabela 3.

TABELA 2. Resultados separados por texto e por nível do aprendiz de FLE das *liaisons* realizadas

<i>Liaison</i>	Texto 1				Texto 2			
	A	B	C	D	A	B	C	D
obrigatória	4/17	4/17	2/17	12/17	22/41	6/41	14/41	22/41
facultativa	0/5	1/5	0/5	4/5	1/11	0/11	0/11	6/11
proibida	0/1	0/1	0/1	1/1	2/8	0/8	0/8	6/8

Um caso a remarcar é que, em grande parte das situações em que deveria haver *liaison*, seja obrigatória ou facultativa, aparece uma pausa de silêncio (que vai de 10 a 500ms), o que pode indicar que o sujeito faz uma reflexão sobre o uso ou não da *liaison*. Para os aprendizes A, B e C, a pausa leva a não realização da *liaison*. Porém, para o aprendiz D, a pausa antecede a sílaba que apresenta o fenômeno da *liaison*, conforme se pode observar na Figura 9 mais adiante.

Observando os dados apresentados na Tabela 3, constata-se que os aprendizes de FLE mostram um comportamento bastante distinto dos nativos de francês. As *liaisons* obrigatórias são empregadas com maior preferência pelos aprendizes do nível mais avançado (D) (58,62%). Esses dados mostram um comportamento diferente dos aprendizes em relação aos nativos que realizaram 89,6% das possibilidades de *liaisons* obrigatórias. Em seguida, aparecem os resultados relativos ao nível debutante (A), que mostrou 44,82% de realização das *liaisons* obrigatórias. No nível intermediário (B e C), os dados apresentaram as menores porcentagens de uso da *liaison* obrigatória (17,42% e 27,58%, respectivamente).

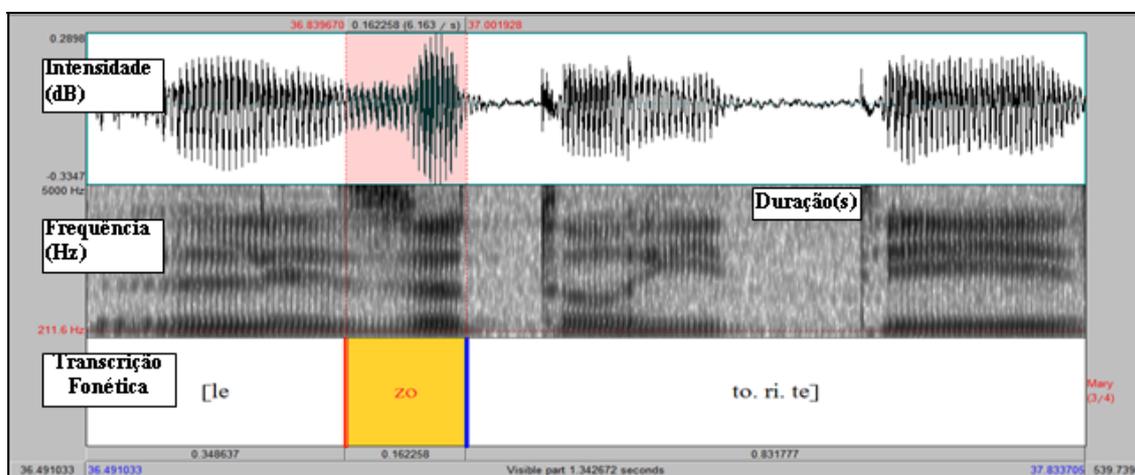
**TABELA 3.** *Liaisons* realizadas por falantes aprendizes de FLE

	<i>Liaison Obrigatória</i>	<i>Liaison Facultativa</i>	<i>Liaison Proibida</i>
A	26 (44,82%)	01 (6,25%)	02 (22,22%)
B	10 (17,24%)	01(6,25%)	0
C	16 (27,58%)	0	0
D	34 (58,62%)	10 (62,5%)	07 (77,78%)

Ainda, pela Tabela 3, pode-se observar que, como os falantes nativos, no nível mais avançado (D), vemos um maior percentual de uso da *liaison* em contextos em que ela é facultativa (62,5%), próximo do apresentado pelos falantes nativos (66,5%). No entanto, nos níveis debutante (A) e intermediário (B e C), ocorreram entre 0% e 6% de *liaisons* em contextos facultativos.

Já, nas *liaisons* proibidas, o comportamento do nível mais avançado (D) é totalmente diferente dos falantes nativos, apresentando agora uma alta prevalência de realização de *liaisons* proibidas (77,78% contra 11% de realização pelos falantes nativos). Os demais aprendizes apresentam o comportamento esperado para os falantes nativos, isto é, evitam a realização de *liaisons* proibidas, conforme se pode ver pela Tabela 3.

Passando agora a ilustrar algumas das análises acústicas realizadas sobre os dados dos aprendizes de FLE, verifica-se, pela Figura 7, que o locutor não teve problemas para realizar a *liaison* obrigatória na produção do trecho *les autorités*, conforme se pode confirmar pelo processo de ressilabação apresentado nessa figura. A nova sílaba [zo] tem 162ms.

**FIGURA 7.** Forma de onda, espectrograma e a camada de etiquetagem de *les autorités*.

Entretanto, na Figura 8, vê-se outra situação: o aprendiz não realizou a *liaison* obrigatória entre o determinante *les* e o substantivo *idées*. Nesse caso, constatou-se uma pausa de 520ms (muito extensa) entre a palavra 1 e a palavra 2. Um dado a se ressaltar nas análises dos aprendizes de FLE é a frequência de pausas entre as palavras 1 e 2 nos casos de *liaisons* obrigatórias.

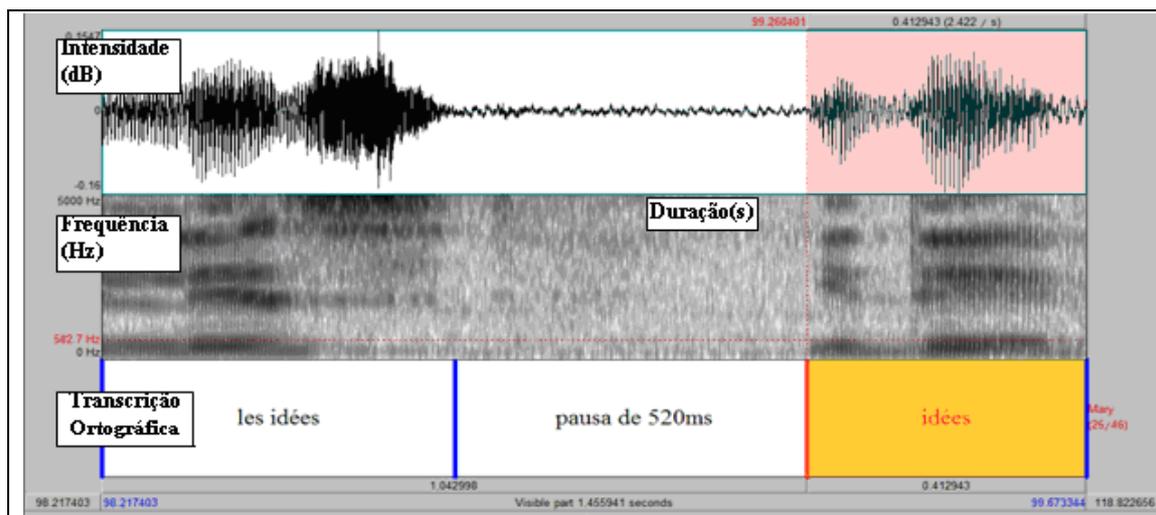


FIGURA 8. Forma de onda, espectrograma e camada de etiquetagem de *les idées*.

As *liaisons* facultativas são consideradas variáveis. Pela Figura 9, por exemplo, vê-se que o locutor realizou a *liaison* facultativa em *tout est* e, conseqüentemente, observa-se um processo de ressilabação. Observando a nova sílaba de 341ms no espectrograma da Figura 9, verifica-se que existe uma pausa antes dessa sílaba, o que mostra uma hesitação a respeito da realização desse tipo de *liaison*.

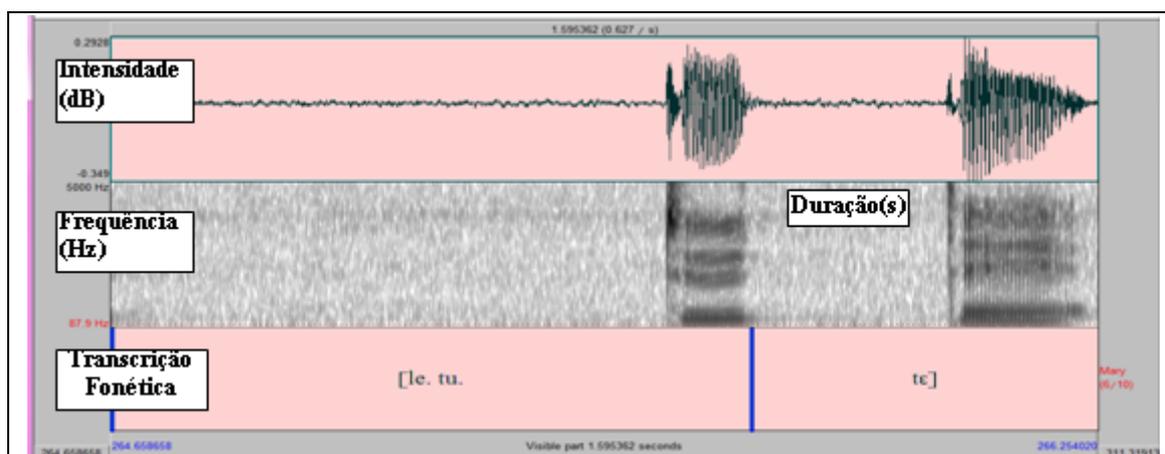


FIGURA 9. Forma de onda, espectrograma e camada de etiquetagem de *le tout est*.

Mas, nem todas as *liaisons* facultativas foram realizadas pelos aprendizes. Na Figura 10, por exemplo, o locutor fez uma pausa de 86ms entre a palavra 1 (*est*) e a palavra 2 (*à*); e, portanto, não realizou a *liaison* facultativa.

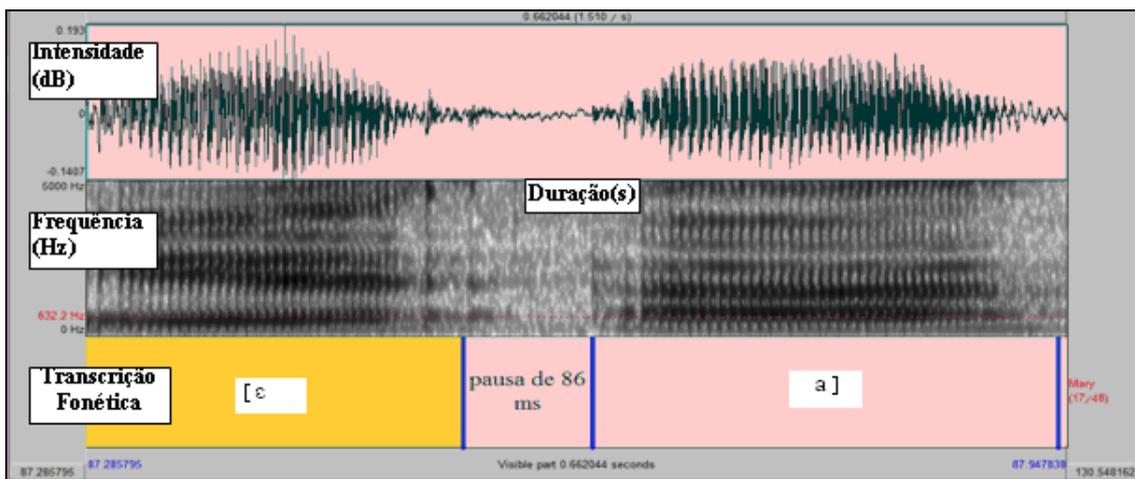


FIGURA 10. Forma de onda, espectrograma e camada de etiquetagem de *est à*.

As Figuras 11 e 12 ilustram contextos em que a *liaison* é proibida. Na Figura 11, observa-se que o locutor também fez uma pausa de 134ms entre a palavra 1 (*peuvent*) e a palavra 2 (*alors*) e, portanto, não realizou a *liaison* proibida.

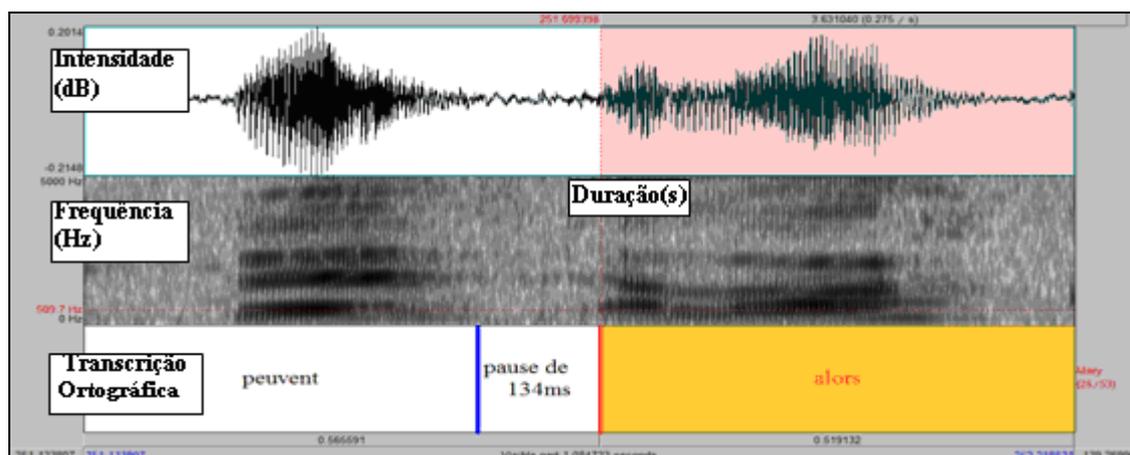


FIGURA 11. Forma de onda, espectrograma e camada de etiquetagem de *peuvent alors*.

Na Figura 12, ao contrário, vê-se que o locutor pronunciou *gent ont*, realizando uma *liaison* em contexto em que ela seria proibida, ocorrendo, por consequência, um processo de ressilabação. Pode-se deduzir, no entanto, que o locutor também refletiu sobre a pronúncia, uma vez que se vê um alongamento da sílaba precedente.

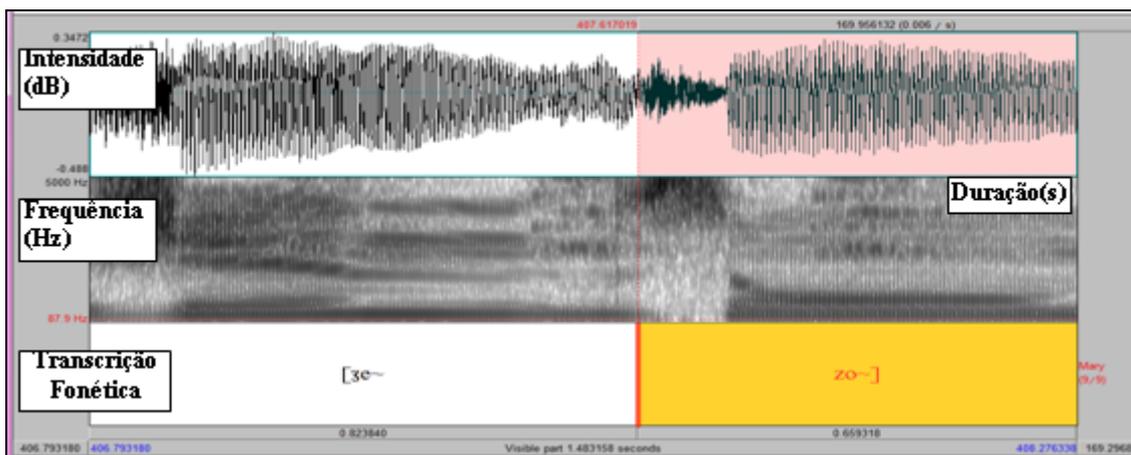


FIGURA 12. Forma de onda, espectrograma e camada de etiquetagem de *gens ont*.

### 4.3 A falsa *liaison*

A análise dos dados nos levou ainda a outros tipos de *liaisons*. A literatura considera que os locutores, às vezes, inserem uma consoante epentética [ n ], [ t ] ou [ z ] entre duas palavras, mesmo que essa consoante não corresponda à consoante latente esperada para a realização da *liaison*. Denomina-se *falsa liaison* a esse fenômeno.

Então, além das *liaisons* obrigatórias, facultativas e proibidas, considerou-se um quinto tipo de fenômeno fonológico: a falsa *liaison*. Chevrot *et al.* (2007) afirmam que a aparição, às vezes obrigatória, de um [t], por exemplo, fruto de uma *liaison*, pode influenciar outras pronúncias. Segundo esses autores, a utilização frequente de enunciados do tipo: *il est allé* ou *on est arrivé*, na terceira pessoa do singular, pode levar à seguinte pronúncia na primeira pessoa do singular: [ʃu 'ta le] para *je suis allé*. O [t] latente em alguns verbos deve estar ligado a uma vogal ou a um h mudo para que se realize uma nova sílaba, processo que não tem razão de existir no exemplo apresentado, uma vez que se trata de verbo conjugado na primeira pessoa. Seria a influência da exposição à forma na terceira pessoa do singular, um caso semelhante ao que ocorre na produção de crianças nativas.

Mas, ampliando um pouco o espectro e considerando *falsa liaison* as realizações que não tinham motivação, foram destacadas todas as produções de consoantes e vogais que promoveram *liaison*. Verificou-se que a prática de realizar *liaisons* pode ser favorecida por influência do português, como nota-se em produções de palavras em francês, cuja ortografia é próxima do português. Um exemplo é a palavra “style” normalmente pronunciada [es 'tile] ou [is 'tile], aos moldes da palavra “estilo” do português. (NUNES, 2008).

Na Figura 13, tem-se a produção do trecho: *ces spectacles*. A palavra 2 começa por consoante e, dessa maneira, não haveria motivo para a realização de uma *liaison*. Acredita-se, no entanto, que, por influência do português (a palavra *spectacle* é muito próxima da palavra “espetáculo” do português) e pela dificuldade de realizar um *onset* complexo do tipo *sp*, o locutor insere uma vogal epentética no início dessa palavra, transformando o *onset* complexo *spe* em *is.pe*, realizando então uma *falsa liaison* com o

pronome que antecede o nome *spectacles*. Por consequência, apresenta um processo de ressilabação.

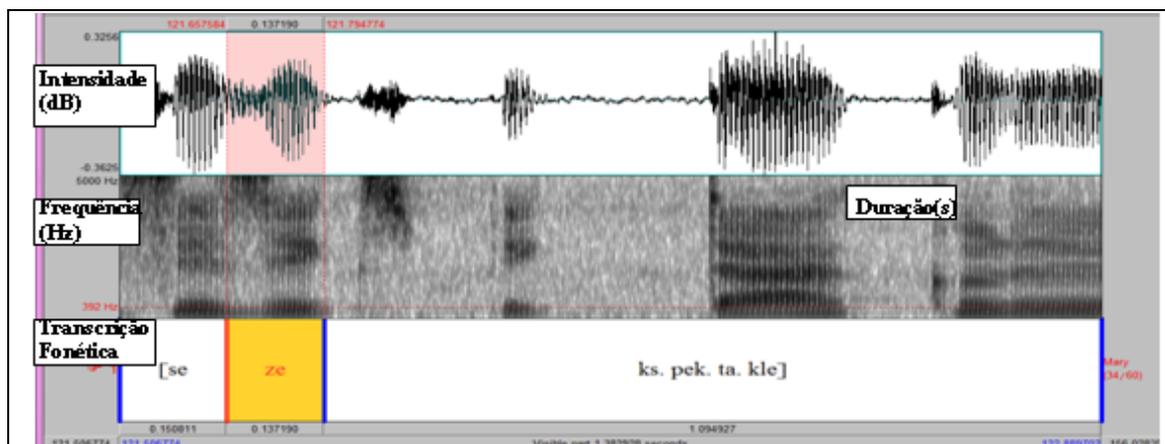


FIGURA 13. Forma de onda, espectrograma e camada de etiquetagem de *ces spectacles*.

A Figura 14 exibe outro tipo de *falsa liaison*. Na produção de *c'est ici*, o locutor realizou a *liaison* com um [z] no lugar de um [t], influenciado talvez pela consoante s presente na forma verbal.

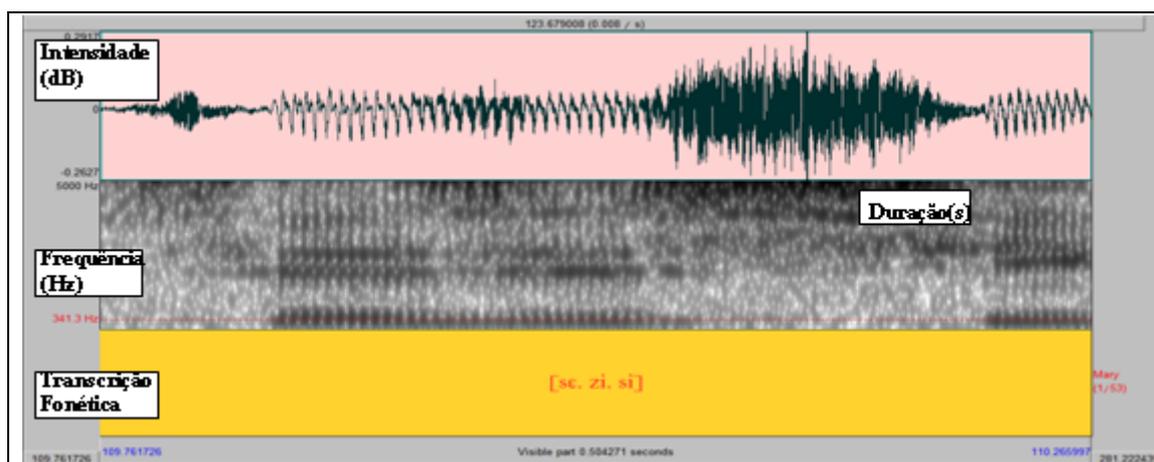


FIGURA 14. Forma de onda, espectrograma e camada de etiquetagem de *c'est ici*.

#### 4 CONCLUSÕES

Vamos então tentar responder as questões levantadas para este estudo. Primeiramente, se os jornalistas nativos do francês e os aprendizes de FLE realizam todas as *liaisons* obrigatórias. Apesar de os nativos apresentarem 89,6% de realizações das *liaisons* obrigatórias, em 10,4% elas não ocorreram. Já os aprendizes foram bem mais econômicos no uso de *liaisons* obrigatórias, variando de 17,24% a 58,62%.

Em segundo lugar, queríamos saber como os locutores realizam as *liaisons* facultativas. Os nativos mostraram uma preferência para realizarem as facultativas (66,50%). Já os aprendizes de FLE dos níveis intermediário (B e C) e debutante (A) optaram por praticamente não as realizarem (variando de 0% a 6,5%). No entanto, no nível avançado (C), houve 62,5% de *liaisons* facultativas.

Agora, quanto às proibidas, os nativos produziram apenas uma *liaison* proibida, e os aprendizes dos níveis B e C também não as realizaram. Já o aprendiz do nível mais avançado (D) apresentou uma grande ocorrência de *liaisons* proibidas (77,78%). Justificamos tal produção como a possibilidade de hipercorreção, dessa forma, demonstrando uma consciência maior de uso desse tipo de fenômeno na língua francesa.

Finalmente, pudemos observar a presença de *falsas liaisons*, influenciadas pela língua materna dos aprendizes, gerando fenômenos como apagamento e ressilabação próprios das *liaisons* obrigatórias.

Os resultados aqui apresentados parecem também mostrar que dois fatores podem estar condicionando a realização das *liaisons* obrigatórias: (i) a ordem de apresentação dos textos, parecendo que, na leitura do segundo texto, o aprendiz está mais tranquilo (menos nervoso do que no momento da primeira leitura) e (ii) a complexidade/conhecimento do conteúdo dos textos.

## REFERÊNCIAS

CHABANAL, D.. **Un aspect de l'acquisition du français oral : la variation sociophonétique chez l'enfant francophone.** *Thèse*, Université Montpellier 3, 2003.

CHEVROT, J. P. CHABANAL, D. & DUGUA, C. **Pour un modèle de l'acquisition des liaisons basé sur l'usage : trois études de cas,** *Journal of French Language Studies.* Cambridge University Press, 2007.

CHEVROT, J. P. DUGUA, C., FAYOL, M. **Liaison et formation des mots en français: un scénario développemental.** *Revue Langages.* LIDILEM, Université Stendhal & LAPSCO, Université Blaise Pascal – CNRS. France, 2005.

DELATTRE, P. **Principes de phonétique française à l'usage des étudiants anglo-américains.** Middlebury, VT : Middlebury College Press, 1951.

DUGUA, C. & CHABANAL, D. **Acquisition de la liaison chez l'enfant francophone : formes lexicales des Mots 2.** Artigo apresentado na *XVIes Journées d'Études sur la Parole (JEP).* Manoir de la Vicomté – Dinard – França, 2006.

HOWARD M. **"L'acquisition de la liaison en français langue seconde - Une analyse quantitative d'apprenants avancés en milieu guidé et en milieu naturel".** Corela , Numéros spéciaux, Colloque AFLS, 2005.

LAKS B. **L'oral et la variation in La prononciation du français dans sa variation J.** Durand, B. Laks et Ch. Lyche *La tribune internationale des langues vivantes*, 2003.

LAKS, B. **La liaison et l'illusion.** *Langages*, Paris: Larousse, 2005.

LÉON, P. **Prononciation du français standard:** Aide-mémoire d'orthopédie. Paris : Didier, 1966.

MALMBERG, B. **La phonétique**. Paris : Presses Universitaires de France, 1976.

MOUGEON, R., NADASDI, T. e REHNER H. **État de la recherche sur l'appropriation de la variation par les apprenants avancés du FL2 ou FLE**. In *Acquisition et Interaction en Langue Étrangère : L'Acquisition de la variation par les apprenants du français langue second*, 2003. Disponível em: <http://aile.revues.org/document847.html>. Acessado em 20 de junho de 2009.

NUNES, V **O fenômeno da “liaison” na leitura em voz alta: o caso de aprendizes de Francês Língua Estrangeira**. VIII Encontro do CELSUL, Porto Alegre: EDUCAT, outubro, 2008.

PAGLIANO, C. & LAKS, B. **Problématiques de la liaison dans l'analyse d'un corpus de français oral actuel**. Inconnu. Lyon, 2005.

PIERRET, J M. **Phonétique historique Du français et notions de phonétique général**. Nouvelle édition, Louvain-la Neuve, Peeters, 1994.

ROSSI, A. **Análise auditiva e acústica do fenômeno da ligação do francês com consoantes sonoras realizado por estudantes brasileiros**. Dissertação UFSC, 1998.

STRIDFELD, M. **La perception du français oral par des apprenants suédois**. Umeå: Institutionen för moderna språk, Umeå universitet, 2005.

THOMAS, A. **La liaison et son enseignement : des modèles orthoépiques à la réalité linguistique**. Canadian Modern Language Review 54 n°4, 1998. P. 543-52.

WIOLAND, F e PAGEL, D. **Le français parlé. Pratique de la prononciation du français**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991.

PLOUZEAU, M. **Laboratoire de Français Ancien**. Disponível em: <http://www.uottawa.ca/academic/arts/lfa/>. Acessado em 27 de junho de 2009.